

SAÚDE III DRAMA

SUS impõe barreiras no combate contra o câncer

Maioria dos pacientes não inicia tratamento no prazo previsto em lei



A assistente social Maria Eloiza Salvador, do Instituto Nacional de Prevenção e Assistência ao Câncer (Inpac), que acolhe pacientes: preocupação

Inaê Miranda
DA AGENCIA ANHANGUERA
inae.miranda@rac.com.br

O número de pacientes que recorrem ao Sistema Único de Saúde (SUS) para fazer o tratamento de câncer aumentou 34% em cinco anos, mas nem todos doentes conseguem iniciar a terapia dentro do prazo de 60 dias, conforme prevê lei federal de 2012 — em todo o País, 57% não conseguem. Em Campinas, os hospitais Mário Gatti, Celso Pierro, Boldrini, Hospital de Clínicas e o Caism (Hospital da Mulher Prof. Dr. Aristodemo Pinotti) receberam 492 casos em 2012. A Prefeitura não tem os dados computados de 2015,

Fila para radioterapia no Mário Gatti chega a 200 pessoas

mas estima que tenham passado pela rede exclusiva do Sistema Único de Saúde (SUS) cerca de mil casos novos. O município afirma que cumpre o prazo na maioria dos casos, mas não é exatamente o que afirmam os pacientes, médicos e entidades de apoio aos doentes.

Em um dos principais centros oncológicos de Campinas, o Mário Gatti, a fila de espera para a radioterapia chega a 200 pacientes, como afirma o médico Carlos Roberto Monti, responsável pelo serviço de oncologia clínica do Hospital Celso Pierro e diretor

tes descobrem o câncer e não conseguem tratar. Não dá para falar para o tumor esperar. É agonizante”, afirma a assistente social Maria Eloiza Salvador, do Instituto Nacional de Prevenção e Assistência ao Câncer (Inpac), que acolhe cerca de 60 pacientes. Ela diz que o Hospital de Barretos, que está sendo construído em Campinas, vai facilitar na detecção da doença. “A minha preocupação é que atendimento do paciente vai receber depois desse diagnóstico”, afirma a assistente social. Ela apontou ainda como problemas a falta de remédios na rede pública. “Tenho um paciente que vai aguardar medicação quatro meses na farmácia de alto custo.”

Viagem

O envio de pacientes de Campinas para a realização de procedimentos em Guarulhos também é um sacrifício e preocupa Eloiza. “São exames específicos, como o PET-CT, que faz um mapeamento no corpo e localiza células cancerígenas. O paciente vai uma vez a Guarulhos para passar pelo médico, depois vai fazer o exame e depois volta para buscar o resultado”, conta. O procedimento era realizado em Campinas, nos hospitais de Clínicas da Unicamp, Celso Pierro, ou, segundo Eloiza, a Prefeitura pagava para fazer em alguma clínica. Este ano, os pacientes passaram a ser enviados a Guarulhos. “Estão dizendo que é mais barato fazer lá, mas é um problema para o paciente, que muitas vezes está fazendo a quimioterapia, está debilitado, tem enjoo. Ter que viajar é um sacrifício maior.”

Afonso Basílio Júnior, diretor do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Municipal, relatou que os problemas, no Mário Gatti, também estão relacionados à falta de técnicos de radioterapia e a máquinas quebradas, o que impacta a demanda. “Falamos que a demanda está sendo atendida, mas não é uma verdade”, diz. Uma funcionária do Mário Gatti, que preferiu não se identificar, disse não saber qual o tamanho da fila de espera para radioterapia, mas afirmou que ela existe e que os funcionários estão atendendo até 22h para não sacrificar os pacientes.

do Instituto Rádium. Ele explica que o hospital da PUC não tem o serviço e os pacientes, quando precisam passar pela rádio, são encaminhados para os hospitais Mário Gatti e Boldrini. “Hoje, o Mário Gatti tem uma fila de mais de 200 pacientes. Uma pessoa que precisa fazer cirurgia eletiva de próstata leva nove meses aqui em Campinas, imagina o que é no resto do País”, afirma.

Monti fala na superlotação da rede, agravada pela crise econômica e pela falta de reajuste no orçamento do SUS. “As pessoas estão vivendo mais tempo e com isso ficam mais suscetíveis a desenvolver o câncer, que é uma doença degenerativa. O segundo ponto, que aí estrangula e que

dificulta a terapia, é o maior acesso da população ao sistema de saúde, ainda mais com a crise econômica. Na rede pública houve um aumento da entrada de pacientes porque muitos perderam o convênio devido à crise. No sistema público, o reembolso do SUS está parado há seis anos. O último reajuste dos procedimentos foi em 2010. Só a inflação consome 70% do recurso que era pago em 2010”, explica. O médico afirmou que a “lei dos 60 dias” é demagógica, já que o governo não oferece estrutura para que ela seja cumprida.

O atendimento é deficitário e em todo o Estado existem filas de espera desde a fase do diagnóstico até o tratamento. “Os centros oncológicos estão lotados. Os pacien-

Prefeitura diz que faz acolhimento em 60 dias

Campinas recebe uma média de mil novos casos de pacientes com câncer no atendimento exclusivo do Sistema Único de Saúde. Segundo a diretora de saúde, Mônica Macedo Nunes, o paciente, quando diagnosticado, entra no serviço de referência no prazo de 60 dias para o atendimento e acompanhamento dentro da sua necessidade: cirúrgica, medicamentosa, quimioterápica ou radiológica. “Uma vez diagnosticado, o início de atendimento a gente consegue atender nos 60 dias sim”, garante. A pasta foi

questionada sobre as 200 pessoas na fila de espera para radioterapia no Mário Gatti, mas informou que as demandas de pacientes são reguladas pela OncoRede, da Secretaria de Estado da Saúde, “que atua com uma fila única englobando em Campinas os serviços do Mário Gatti, HC da Unicamp e Boldrini. O atendimento segue critérios, priorizando pacientes não pela ordem de chegada, mas levando em conta a agressividade do câncer”, disse em nota. De acordo com a Secretaria de Saúde de Campinas, ainda que a radioterapia do Mário Gatti tenha alguma espera, o

tratamento também acontece dentro dos 60 dias. A médica Silvia Brandalise, presidente do Centro Infantil Boldrini, afirmou que os casos de câncer abaixo de 18 anos correspondem a 2%. Como o volume é menor, não existe fila de espera. “Noventa e oito por cento é câncer de adulto. Não temos essa coisa dos 60 dias porque o acesso é direto do médico interessado com o centro de referência. No dia seguinte que o paciente chega ao Boldrini, o tratamento começa.” O Hospital de Clínicas foi procurado, mas não deu retorno até o fechamento da edição. (IM/AAN)

CEFER COMERCIAL
AÇO PARA CONSTRUÇÃO

www.cefercomercial.com.br

Aço com certificado de qualidade.

- CA 50 / CA60
- Barras de 12 metros
- Arame recozido / Pregos
- Telas soldadas
- Corte - Dobra - Montagem

O sonho da sua casa começa aqui!

Rua Joaquim Lacerda Coelho, 253 - Campinas
cefercomercial@terra.com.br

(19) { 3223-3131
3223-3400

PRA FACILITAR O ALMOÇO DA SEMANA?
LIGUE PRA CAMPCARNE.

DELIVERY
19 3254-3411
CAMPCARNE.COM.BR

RUA CARLOS FRACHEU, 54
ESQUINA COM A AV. NORTE-SUL • CAMBUÍ • CAMPINAS

43 POR CENTO
Dos atendimentos em todo o País não são feitos em 60 dias, conforme preconiza lei

1 mil NOVOS CASOS
De câncer são registrados por ano para tratamento no SUS em Campinas

SAIBA MAIS

O Ministério da Saúde informou que vem implementando em todo o País o Sistema de Informações do Câncer (Siscan), que vai permitir monitorar os prazos para início do tratamento. Hoje, o sistema está presente em 4.957 cidades e detectou que, até abril deste ano, 43% dos tratamentos não foram iniciados em até 60 dias após o diagnóstico. Em Campinas, segundo a diretora de Saúde Mônica

Macedo Nunes, da Prefeitura de Campinas, desde o início o Município vem tentando implantar o sistema, mas vem enfrentando vários problemas. “Como participamos da OncoRede, foi uma coisa colocada pelo ministério. Mas vem apresentando problemas de várias ordens na parte de TI, problemas técnicos no sistema mesmo. Mas isso não interfere no atendimento.”